

COMO FOI VIABILIZADA A ENCENAÇÃO DA OPERETA *NARIZINHO*, MARCO INICIAL DO TEATRO INFANTIL BRASILEIRO

Juciara Maria Nogueira Barbosa¹

Resumo: Ao levar ao palco a opereta *Narizinho*, o baiano Adroaldo Ribeiro Costa deu início ao teatro infantil brasileiro. Baseado no livro *Narizinho arrebitado*, publicado por Monteiro Lobato em 1921, o espetáculo, que estreou em Salvador em 22 de dezembro de 1947, contou com mais de 100 pessoas trabalhando na montagem e a participação de 110 crianças no palco, acompanhadas por uma orquestra e cenário para quatro atos. O acontecimento tornou-se um marco do teatro baiano e nacional e, para tanto, contribuiu o apoio do governo da Bahia, através da Secretaria de Educação e Saúde, na época administrada por Anísio Teixeira. O presente artigo visa tratar das relações entre Monteiro Lobato, Anísio Teixeira e Adroaldo Ribeiro Costa, destacando suas respectivas contribuições para a viabilização da encenação de *Narizinho* em Salvador.

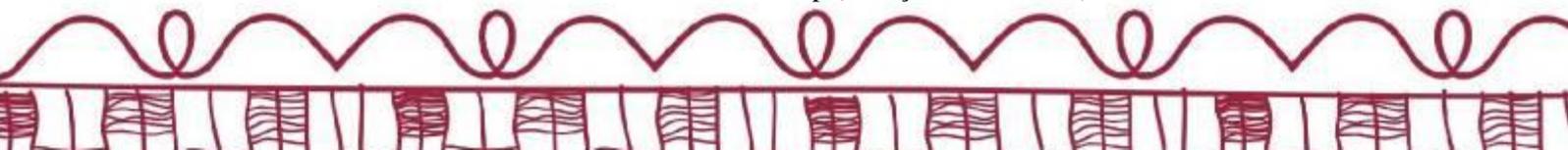
Palavras-chave: Cultura. Arte. Cultura baiana. Teatro infantil.

Quando o espetáculo acabou, naquela noite de 22 de dezembro de 1947, uma plateia entusiasmada, eufórica e singular aplaudiu demoradamente a versão apresentada por Adroaldo Ribeiro Costa (1917-1984) para o livro *Narizinho arrebitado*, publicado pela primeira vez pelo escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948) em 1921. Em um espaço lotado de pessoas que compartilhavam o calor intenso do início do verão baiano o antigo teatro Guarany², em Salvador, abrigou na platéia o próprio Monteiro Lobato, o governador da Bahia, Octávio Mangabeira (1886-1960) e o secretário de Educação e Saúde, Anísio Spínola Teixeira (1900-1971), que prestigiaram a montagem da opereta *Narizinho*. Ao tratar sobre esse momento ímpar na vida de seu tio³, o escritor baiano Aramis Ribeiro Costa (*In*: COSTA, 1999, s.p.) definiu o evento como “um espetáculo grandioso, que exigiu o trabalho exaustivo de mais de uma centena de pessoas, uma orquestra ao vivo, cenários para quatro atos, figurinos esmerados, jogo de luzes e cortinas, e a mobilização, no palco, de 110 crianças”. Afirmando que não há registros anteriores de evento similar no Brasil, Aramis registrou que a montagem apresentada

¹ Doutoranda em Cultura e Sociedade – Universidade Federal da Bahia. Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: juciaranogueira@yahoo.com.br

² O teatro Guarany foi fundado em 1919. Ficava na Praça Castro Alves (HABERT, 2002, p. 198).

³ Ver COSTA, Adroaldo Ribeiro. **Páginas escolhidas 200 crônicas e dois contos. Seleção, organização e introdução de Aramis Ribeiro Costa.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, 1999. 459p (Coleção Memória, 8).



por Adroaldo Ribeiro Costa foi “um espetáculo delirantemente aplaudido, que inaugurou não apenas um gênero novo, a opereta infantil [...] mas também o Teatro infantil brasileiro” (*Ibid*).

Adroaldo Ribeiro Costa dedicou-se a múltiplas atividades que, não raro, se complementaram e marcaram a cena cultural da Bahia, por mais de 40 anos. Formou-se em Direito em Salvador, lecionou em vários colégios e foi diretor do ginásio Itapagipe (1948-1951) e do ICEIA (1961-1963). Considerando que o teatro poderia servir à educação, desde 1939 dedicou-se a escrever e montar peças, sempre envolvendo estudantes no processo. Alternava suas atividades entre Santo Amaro - cidade onde foi criado e onde seu pai dirigia o Ginásio Santamarense - e Salvador. O projeto *Hora da criança*, idealizado e dirigido com êxito em Salvador por Adroaldo, tem suas origens ligadas às suas atividades de animação infantil no Ginásio Santamarense. Exerceu a advocacia até 1941, quando, após a morte da noiva, decidiu abandonar a carreira para dedicar-se ao magistério. Foi nesse período que resolveu fazer algo novo: adaptar para o teatro, em forma de opereta, o primeiro livro infantil escrito por Monteiro Lobato, *Narizinho arrebitado*⁴, com a participação integral de crianças. Conforme registrou Aramis Ribeiro Costa (*In*: COSTA, 1999, s.p.) “A idéia de teatralizar este conto deve ter lhe ocorrido já no finalzinho de 1941, pois, logo nos primeiros dias de janeiro de 1942, quando já se fixava definitivamente em Salvador, escreveu uma carta a Lobato, pedindo autorização para adaptá-lo”. Em 15 de janeiro de 1942, Monteiro Lobato respondia à solicitação de Adroaldo:

Essa idéia de teatralizar as façanhas do povinho do Pica-pau Amarelo tem me ocorrido várias vezes – mas as decepções da vida me vieram tantas que já não me resta ânimo para coisa nenhuma. Daí meu interesse para que alguém o faça. Aprovo, pois, com o maior prazer, a sua idéia, e pela amostra que sua carta me dá de seu espírito tenho a certeza de que ninguém o fará melhor (COSTA, 1982, p.11).

4 Sobre o lançamento do livro infantil, Edgard Cavalheiro comentou que “a primeira edição de “Narizinho Arrebitado”, cartonada, elegante, muito bem ilustrada por Voltolino, nasce de uma imprudência editorial: nada menos do que uma tiragem de cinquenta mil exemplares é feita, coisa verdadeiramente absurda não só para aqueles tempos, mas até mesmo para os nossos dias” (CAVALHEIRO, 1962, p. 146). Logo depois explicou como foi o início do sucesso empresarial e de público do livro: o escritor havia distribuído mais de 500 exemplares para os Grupos e Escolas de São Paulo, a título de divulgação e as crianças gostaram muito do livro. Ciente do sucesso, o governo de Washington Luís autorizou a compra de trinta mil exemplares, que Lobato mandou entregar de imediato (*Ibid*. p. 147).

Em 18 de março de 1942, Adroaldo enviou a Lobato o texto da adaptação para o teatro de *Narizinho*, advertindo que em breve enviaria as músicas depois de orquestradas e solicitando a opinião do escritor sobre o texto (*Ibid.* p.12). Só em 12 de março de 1943 Lobato respondeu, afirmando que “a parte literária, teatralizada, está muito boa, viva, desembaraçada, com todas as qualidades que o teatro requer” (*Ibid.* p.12), mas solicitava o envio da música, lembrando que “numa opereta a música é tudo” (*Ibid.* p.12). Também em 1943 Adroaldo iniciou um programa de rádio com o nome *Hora da Criança*, apresentado sempre aos domingos pela manhã através da *Rádio Sociedade da Bahia*, pertencente aos *Diários e Emissoras Associados*⁵. Segundo Aramis Ribeiro Costa,

de um programa de rádio de vasta audiência a Hora da Criança logo transformou-se num movimento de grandes proporções, a interessar pais e professores, e a mobilizar centenas de crianças em atividades que iam além do programa radiofônico, a exemplo de apresentações em colégios, clubes recreativos e instituições benemerentes (*In: COSTA, 1999, s.p.*)

Em meio a muitos afazeres, Adroaldo continuava empenhado em viabilizar a encenação da opereta. Em maio de 1943, escreveu a Lobato, enviando-lhe as partituras de *Narizinho* e registrando que compôs as melodias e mostrou-as ao músico Agenor Gomes, que se tornou seu parceiro na empreitada:

Contagiei-o. E ei-lo junto a mim, a dar corpo à idéia, a exigir uma contribuição mais justa e direta, na confecção da *Valsa real* e de *Com casco e tudo* que são obras suas; a prometer desenvolver o embrião da *Sinfonia Marido-é-dia*, a escrever a Protofonia da opereta, a retocar, a orquestrar... (*COSTA, 1982, p.14*).

Adroaldo aguardava a opinião de Lobato sobre o material enviado e em três de junho de 1943, ele lhe escreveu: “recebi a partitura de *Narizinho* e fiquei como um burro olhando um palácio, porque não sei ler música” (*Ibid.* p.14), mas informou que iria procurar Raul Galvão, um músico seu amigo que tinha em grande conta. Em 15 de agosto de 1943, após contatar com Galvão, Lobato escreveu a Adroaldo, comunicando que Raul Galvão não poderia julgar a música sem o acompanhamento e solicitou a Adroaldo que o enviasse, para que pudesse submetê-lo a opinião do músico⁶. Embora

5 Aramis Ribeiro Costa registrou que o programa manteve-se no ar por 30 anos - de 1943 a 1973 (*In: COSTA, 1999, s.p.*).

6 Adroaldo transcreveu, além da carta, a notinha enviada por Raul Galvão a Monteiro Lobato, sobre as músicas para a opereta: “Posso dar meu parecer a qualquer música completa. Por

Adroaldo nunca tivesse atendido ao pedido de Lobato, este não perdeu a esperança de ver a opereta viabilizada. Ao escrever a biografia de Monteiro Lobato, Edgard Cavalheiro registrou, sobre esse período, que um dos últimos entusiasmos do escritor

girou em torno da idéia de Adroaldo Ribeiro da Costa, que, em Salvador, na Bahia, deliberou levar a bom termo a empresa de extrair de 'Narizinho Arrebitado' uma opereta infantil. Durante anos seguidos Adroaldo se corresponde com Lobato que, meio cético a princípio, aos poucos começa a crer no contagiante entusiasmo do distante baiano. “Narizinho” era a menina dos olhos do escritor. Não acredita muito nas coisas que lhe contam da Bahia, mas está comovido com a luta de Adroaldo para conseguir levar à cena a opereta que, com tantos sacrifícios, idealizara e montara (CAVALHEIRO, 1962, p. 245).

Conforme afirmou Aramis Ribeiro Costa (*In: COSTA, 1999, s.p.*), por cinco anos seguidos Adroaldo buscou, em vão, levar ao palco *Narizinho*:

De 1942 a 1947 foram várias as tentativas de encenação da opereta, que já possuía, além do texto, as músicas, compostas por ele próprio e também por Agenor Gomes. E só neste último ano, com o apoio de Anísio Teixeira, então secretário de Educação do Estado da Bahia, o projeto pôde ser concretizado.

Só então, em quatro de novembro de 1947, Adroaldo voltou a escrever a Monteiro Lobato, para informá-lo de que, finalmente, conseguira viabilizar a montagem da opereta. A carta foi levada para São Paulo por um irmão seu e entregue em mãos ao escritor. Nela, Adroaldo resumiu sua trajetória nos últimos anos: “Eu sou aquele a quem você autorizou a teatralização de seus livros para crianças. Escrevi uma opereta, NARIZINHO, da qual lhe remeti cópia, (libreto e melodia). Fiquei de mandar-lhe a partitura completa e... até hoje”. (COSTA, 1982, p.15). Adroaldo justificou tão longa ausência afirmando que “desde aquele ano de 1942 venho lutando para encenar a opereta aqui. Foi uma luta titânica [...] mas venci. No próximo dia 15 de dezembro, a Bahia verá NARIZINHO” (*Ibid.* p.15-16).⁷ Na carta, também explicou que a encenação da opereta só se tornou possível por conta do apoio de Teixeira:

Está à frente da Secretaria de Educação o Dr. Anísio Teixeira. Consta-me que ele é seu amigo pessoal e por essa razão eu me dispensei de considerações sobre

completa quero dizer com a melodia e o acompanhamento. Analisar a música composta somente de melodia é trabalho incompleto mesmo que esteja interessante como a que tenho em mãos” (GOMES, *apud* COSTA, 1982, p. 15).

⁷ Por conveniência, visando atender aos muitos ajustes, interesses e imprevistos que atormentaram Adroaldo antes da estreia, a data foi mudada para 22 de dezembro.

a pessoa deste emérito educador. Digo-lhe apenas que o procurei, contei-lhe a história da minha luta e lancei meu ultimato: ou NARIZINHO seria encenada agora ou nunca mais a Bahia a veria. O Anísio topou a parada. E assim, sob o patrocínio da Secretaria de Educação, iremos à cena (COSTA, 1982, p.16).

Anísio Teixeira era amigo de Monteiro Lobato desde que se conheceram, na década de 1920, nos Estados Unidos. Baiano de Coité, Anísio estudou no colégio dos Jesuítas em sua terra natal, completando o curso secundário em Salvador, onde iniciou o curso de Direito, concluído no Rio de Janeiro, em 1922 (ROCHA, 1992, p.11). De volta à Bahia, o então governador Góes Calmon convidou-o para diretor da Inspetoria Geral de Instrução Pública. (ABREU, 1960, p. 2). A partir de então, passou a estudar sobre educação, viajando para a Europa e Estados Unidos com tal objetivo. Em 1928, em sua segunda viagem aos Estados Unidos, ingressou na *Columbia University*, em *New York*, onde obteve, em 1929, o *Master of Arts* em Educação. Foi nesse período que conheceu o educador e filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952), cujas ideias marcariam toda a sua trajetória profissional. Nesse período o jovem Anísio também conheceu Monteiro Lobato, que aos 47 anos era um escritor famoso e polêmico. Sobre o início dessa amizade que durou enquanto Lobato viveu, Anísio deixou registrado em uma carta escrita ao educador Fernando de Azevedo⁸:

Fomos, cerca de dois meses, dois companheiros inseparáveis que buscaram entender e interpretar juntos o laborioso triunfo americano. Ele, mais voltado para as coisas econômicas; eu, para os aspectos da educação, ambos, entretanto, norteados por um sadio idealismo comum de humanidade melhor e mais feliz (TEIXEIRA *apud* VIANA FILHO, 2008, p. 37).

Segundo Luís Viana Filho (2008, p. 37) “Anísio chegara a Nova York tateante e inseguro, atônito diante da grandeza da América. Lobato abriu-lhe os braços e desvendara-lhe os caminhos. Ele nunca mais o esqueceria”. Embora seguissem trajetórias distintas, Anísio Teixeira e Monteiro Lobato apoiaram-se mutuamente, como pode ser notado no livro *Conversa entre amigos*, que reúne correspondências trocadas por ambos ao longo da vida. A passagem pelos Estados Unidos marcou a vida de

⁸ Anísio Teixeira foi apresentado a Fernando de Azevedo por intermédio de Monteiro Lobato, que escreveu uma carta de apresentação da qual Anísio foi portador e nela, não poupou adjetivos para elogiar seu jovem amigo: “a inteligência mais brilhante e o maior coração que já encontrei nestes últimos anos de minha vida. O Anísio viu e sentiu a América e aí te dirá o que realmente significa esse fenômeno novo no mundo. Ouve-o, adora-o como todos os que o conhecemos o adoramos e torna-te amigo dele como me tornei, como nos tornamos eu e você” (LOBATO *apud* VIANA FILHO, 2008, p. 39).

Anísio. Já no Brasil como pós-graduado em educação, retornou a ação no campo das políticas públicas como diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro, onde criou entre 1931 e 1935 uma rede municipal de ensino que ia da escola primária à universidade. “Com esta trajetória ele deu um passo importante no que diz respeito à *profissionalização* dos agentes do campo educacional, ao mesmo tempo em que punha em evidência suas afinidades com uma outra tradição cultural e política que já não vinha da velha Europa” (MOREIRA, 2002.).

Considerando que a educação deveria ser gratuita, pública, de boa qualidade e acessível a todos, Anísio Teixeira inovou, transformou e incomodou com seus pensamentos e ações. Em 1932 foi um dos que assinou o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, fruto de um movimento que liderou, junto com Fernando de Azevedo, em prol da plena renovação educacional no Brasil. Perseguido pelo governo de Getúlio Vargas e sofrendo ameaças, optou por mudar-se para o interior da Bahia, passando a dedicar-se ao comércio, à mineração e a tradução. Em 26 de agosto de 1944, ao responder a uma carta enviada por Monteiro Lobato, pode-se notar como o universo infantil criado pelo amigo lhe era familiar.

Quando me chegou a sua carta sobre *A grande síntese*, andava eu, com toda a minha tribo, quatro sólidos tupiniquins, assaltando a sua literatura infantil, com uma ponta de lança nas *Caçadas de Pedrinho*, as *Reinações* cercadas, constituindo um bolsão em ação de limpeza, e as patrulhas avançadas, rondando o *Saci*. [...] Nada mais líamos. O dia, perdia-o eu nas amolações dos negócios. E à noite, lia Lobato para a tribozinha apaixonada e sôfrega (TEIXEIRA In: VIANNA e FRAIZ, 1986, p. 93).

Apesar do afastamento involuntário da área da educação e dos muitos anos dedicados ao comércio, Anísio foi convidado pelo cientista e filósofo britânico Julian Huxley para atuar como Conselheiro de Educação Superior da Unesco, cargo que assumiu em 1946, viajando com toda a família para a Europa. Logo, porém, desistiu da mudança e optou por voltar ao Brasil, onde planejava dedicar-se a exploração de manganês no Amapá. Não teve tempo de executar seus projetos, pois foi convidado pelo recém-eleito governador Octávio Mangabeira para secretário de Educação e Saúde da Bahia, cargo que Anísio exerceu de 1947 a 1951.

À frente da Secretaria de Educação e Saúde na gestão de Octávio Mangabeira, Anísio Teixeira utilizou sua ampla experiência e se valeu das muitas amizades e contatos para exercer uma administração exitosa e transformadora, apoiando as mais diversas iniciativas. Assim, o incentivo oficial e o estímulo pessoal ao projeto de

Adroaldo não foram fatos isolados, mas em muito contribuíram para viabilizá-lo. O próprio Lobato, mesmo distante, vislumbrava a importância do secretário de Educação e Saúde para viabilizar o projeto: em carta de sua autoria enviada a Adroaldo no dia 19 de outubro de 1947, afirmou: “recebi por mãos de um seu irmão a carta de 5 deste, convidando-me para assistir à estreia da opereta. Bravos! Consegui então montá-la, e nisso vejo a preciosa colaboração do Anísio” (COSTA, 1982, p.17).

Lobato aceitou o convite, mas o entusiasmo demonstrado nessa correspondência contrasta com o sentimento expresso em outra, enviada no mesmo período: “Tenho quase certeza – diz em carta a Gulnara Monteiro Lobato – de que vou voltar decepcionado” (CAVALHEIRO, 1962, p. 245). Estava, entretanto, enganado. Lobato desembarcou em Salvador em 19 de dezembro de 1947 e foi recebido no aeroporto por Anísio Teixeira e Adroaldo Ribeiro Costa. Em sua curta, porém movimentada passagem pela capital baiana diversas pessoas o procuravam para que autografasse seus livros, tanto em livrarias como no hotel e “foi a candomblés, comeu acarajé, deliciou-se com vatapás, efós, carurus, peixes fritos, visitou velhos admiradores e amigos, andou pela Cidade Baixa, pelo Pelourinho, Rua das Flôres, Taboão” (*Ibid.* p. 245). Passou alguns dias entre passeios e encontros com amigos e finalmente em 22 de dezembro, pôde assistir a opereta *Narizinho*. O espetáculo montado por Adroaldo ultrapassou todas as suas expectativas, chegando a comovê-lo profundamente. Em cena, o pequeno mundo do *Sítio do Picapau Amarelo* foi representado com grandiosidade:

Cento e tantos pequenos figurantes – Narizinho, Emília e o Príncipe Escamado – todos os demais personagens das extraordinárias aventuras faziam a mágica aparição: Major Agarra-e-não-larga-mais, o Doutor Caramujo, o Escorpião Negro, o maestro Sabiá-do-campo, Carlito Pirolito, e gafanhotos, cigarras, formigas, pernilongos do fiun, tangarás dançarinos, vaga-lumes, uma interessantíssima lagartixa oradora, e caranguejos cascudos, e libelinhas tôdages, e grilos fardados, e mães d’água, e borboletas e maripôsas, e abelhas sisudas, e baratas tontas, rãs, camundongos, camarões....(*Ibid.* p. 246)

Ao longo da vida, Lobato foi sempre um homem de grandes projetos, polêmico, controverso, audacioso, inovador. Criticado por sua visão às vezes preconceituosa e até racista, tachado de comunista e sempre presente na mídia, não raro envolvido em situações de grande repercussão, aos 66 anos, entretanto, ele já não tinha mais o mesmo ânimo que o movera em tantos projetos e o transformou em um renomado escritor. Mas a visão de seus personagens ricamente trajados na opereta *Narizinho* lhe devolveu o entusiasmo e, com ele, a mania de fazer grandiosos planos e tentar viabilizá-los.

No último dia de Lobato em Salvador, ele e Adroaldo finalmente tiveram um tempo para conversar e Lobato comentou sobre sua intenção de fazer uma parceria com Adroaldo, aperfeiçoar a opereta e correr mundo (COSTA, 1982, p. 83). Convidou Adroaldo para passar uma temporada em São Paulo e chegou a cogitar voltar logo à Bahia, para passar um mês. Nesse período, ambos se dedicariam a nova versão de *Narizinho*. Na dedicatória que escreveu na quarta edição de *A menina do narizinho arrebitado*, poucas horas antes de deixar Salvador, pode-se notar que já tinha planos grandiosos: “Adroaldo: você tem aqui um olho d'água do qual pode sair um Amazonas. Sua opereta representa o primeiro igarapé formado. Monteiro Lobato” (In: COSTA, 1982, p. 84). Na oportunidade, Adroaldo pediu-lhe que deixasse por escrito as impressões que teve da apresentação e Lobato o fez, não poupando elogios ao elenco e ao trabalho realizado. Concluiu afirmando que “Tenho a impressão de que a opereta de Adroaldo, na qual tantos pequenos auxiliares e várias pessoas grandes cooperaram, com a maior boa vontade, vai ser o ponto de partida de uma grande coisa” (*Ibid.* p. 85).

Após os cinco agitados dias passados em Salvador, Lobato voltou a São Paulo entusiasmado. Em 31 de dezembro de 1947, uma declaração sua ao jornal *Fôlha da Manhã* comprova o reconhecimento do empenho de Adroaldo na montagem realizada:

vestir todo êsse mundinho de personagens, ensinar tantos papéis, treiná-los nos ensaios, tudo articular com os números e música, tarefa foi das mais duras, que custou a Adroaldo – o 'factótum' à fôrça – vários quilos de peso e muita inquietação (In: CAVALHEIRO, 1962, p. 254).

E na mesma declaração, demonstrou publicamente ter planos grandiosos para a opereta:

Para a crítica serena, o julgamento da opereta 'Narizinho' é que constitui um precioso e corajoso ponto de partida que pode, graças a uma inteligente remodelação, conduzir a peça do plano em que se acha, modesto e 'tentativista', ao alto nível de uma opereta deliciosa, passível de ser levada em tôdas as grandes capitais, não como festa de ocasião e de estima, e sim como peça de resistência dum repertório (*Ibid.*, p. 254).

Em carta logo enviada para Adroaldo, Lobato registrou que fez contato com o coreógrafo tcheco Vaslav Veltchek, que residia no Rio de Janeiro, e comentou a possibilidade dele incluir no repertório do seu 'Corpo Coreográfico' a opereta, pois assim ela poderia ser triunfalmente apresentada nas grandes capitais. “O 'Corpo' dispõe de um elenco móvel que até sai para o estrangeiro. Como está, representada por crianças

das escolas daí, 'Narizinho' não poderá sair de Salvador” (*Ibid.* p. 246). No mesmo período as preocupações de Adroaldo eram outras. Após o sucesso da apresentação, os atores e a comunidade esperavam que houvesse mais espetáculos, mas então o teatro Guarany privilegiava o cinema e faltava espaço adequado para grandes apresentações teatrais em Salvador. Em meados de janeiro de 1948 foi possível voltar aos palcos, conforme registrou o próprio Adroaldo (1982, p.102-103): “a máquina de projeção do cinema havia enguiçado! O acidente me deu chance de conseguir do velho Mota – arrendatário da casa – três dias (segunda, terça e quarta) para voltar a exhibir 'Narizinho'. Mas a máquina do cinema voltou a funcionar e a temporada ficou por ali”.

A dificuldade de conseguir um local para colocar a peça em cartaz era imensa. Só em maio Adroaldo retornou com o espetáculo, durante seis dias de absoluto sucesso, com casa superlotada, mas mesmo assim “Não houve possibilidade de prolongamento da temporada, apesar dos inúmeros pedidos que nos chegavam” (COSTA, 1982, p. 103). Segundo registrou o próprio Adroaldo, a falta de espaço para apresentações teatrais em Salvador ficou evidente e as dificuldades passadas para encenar *Narizinho* contribuíram para que fossem agilizadas as iniciativas legais para viabilizar a construção do Teatro Castro Alves (*Ibid.*).

Nesse mesmo período Monteiro Lobato adoeceu, falecendo em julho de 1948 sem a oportunidade de ver *Narizinho* adaptada para o teatro por atores que pudessem percorrer vários estados e até outros países, como desejava. Em 1951 Adroaldo viabilizou a segunda versão de *Narizinho*, apresentada no Teatro do Instituto Normal, com capacidade para 1700 pessoas. Alguns espetáculos foram realizados com lotação esgotada e o sucesso foi imenso, mas Adroaldo teve problemas com a justiça por levar crianças ao palco após as 20 horas.

Em 1956 a opereta também ficou em cartaz no Teatro do Instituto Normal, que apesar de ser grandioso, apresentava problemas arquitetônicos e não tinha uma boa acústica. Mesmo assim, uma das apresentações foi ali assistida por uma caravana de escritores e jornalistas cariocas paulistas, especialmente convidados para o evento. A repercussão na imprensa do Rio e São Paulo foi grande. A realização de teatro feito por e para crianças em Salvador marcou época. O trabalho desenvolvido por Adroaldo Ribeiro Costa à frente da *Hora da Criança* levou aos palcos, entre 1950 e 1960 as revistas *Infância* e *Enquanto nós cantamos*, e *Nossa árvore querida*, além das operetas *Monetinho* e *Timide*. Adroaldo continuou a fazer seu programa de rádio, além de

exercer, por décadas, a atividade de cronista do jornal *A Tarde*⁹. Em 1972 remontou mais uma vez *Narizinho* em Salvador, também com a participação de crianças. À frente das múltiplas iniciativas da *Hora da Criança*, cuja atividade teatral vigorou de 1947 a 1975, Adroaldo deve ser destacado, também, por suas contribuições como inovador do teatro amador moderno baiano. Segundo Jussilene Santana (2009, p. 50), “para um panorama mais abrangente dos amadores baianos, é imprescindível ainda citar duas experiências: As jogralescas, do Colégio da Bahia, e o teatro infantil da Hora da Criança”. As jogralescas, porém, têm sua origem nas intervenções organizadas pelos intelectuais e artistas hoje conhecidos como pertencentes à segunda geração de modernistas baianos, surgida no fim da década de 1950 (SCALDAFERRI, 1998, p. 82-83).

O fato de Monteiro Lobato autorizar e incentivar a montagem de *Narizinho* em Salvador viabilizou a iniciativa de Adroaldo, mas o apoio oficial viabilizado por Anísio Teixeira foi fundamental para a encenação da opereta. Embora Monteiro Lobato, em colaboração com Carlos Lacerda, já houvesse teatralizado, por volta de 1942, para a *Rádio Gazeta*, diversos livros infantis (CAVALHEIRO, 1962, p. 254) e mesmo se levando em consideração que sua obra infantil tem sido adaptada para o rádio, teatro, televisão e história em quadrinhos, além de inspirado diversas músicas, torna-se relevante registrar que coube a Adroaldo Ribeiro Costa o mérito de levá-la ao palco pela primeira vez e inaugurar, em Salvador, o teatro infantil brasileiro.

Referências:

- ABREU, Jaime. Anísio Teixeira e a educação na Bahia. In: **Anísio Teixeira pensamento e ação**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, p 1-68.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**. São Paulo: Gráfica Urupês, 1962. 338p. v.2.
- COSTA, Adroaldo Ribeiro. **Igarapé história de uma teimosia**. Salvador: 1982. 288p.
- _____. **Páginas escolhidas 200 crônicas e dois contos. Seleção, organização e introdução de Aramis Ribeiro Costa**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, 1999. 459p.
- HABERT, Angeluccia Bernardes. **A Bahia de outr'ora, agora: leitura de artes & artistas, uma revista de cinema da década de 20**. Salvador: Academia de Letras da Bahia e Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2002. 208p.

9 Atividade que exerceu de dezembro de 1958 a fevereiro de 1984, quando faleceu.

MOREIRA, Carlos Otávio F. **Anísio Teixeira: ciência e arte de educar**. Disponível em: <http://www.fe.unb.br/revistadepedagogia/numeros/02/artigos/Revista%20de%20Pedagogia%20-%20numero%2002%20artigo%2002.pdf> 2002. Acesso em: 24 ago. 2009.

ROCHA, João Augusto de Lima (Org.). **Anísio em movimento**. Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992. 296p.

SANTANA, Jussilene. **Impressões Modernas teatro e jornalismo na Bahia**. Salvador: Vento Leste, 2009. 290p.

SCALDAFERRI, Sante. **Os primórdios da Arte Moderna na Bahia**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; FCEBA – Museu de Arte da Bahia, 1997. 225p.

VIANA, Aurélio e FRAIZ, Priscila (Org.). **Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Cpdoc, 1986. 118p.

VIANA FILHO, Luís. **Anísio Teixeira: a polêmica da educação**. 2.ed. São Paulo: UNESP; Salvador: Edufba, 2008. 238p.